

## Literatura nas telas: o uso da ferramenta *Google Sites* na formação de leitores

Literature on screens: the use of the google sites tool in reader education

Rodrigo Joventino Rodrigues

Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos

256

**Resumo:** A presente pesquisa se propõe em tecer um diálogo entre a literatura apresentada nas escolas, o processo de formação de leitores e o uso da ferramenta *Google Sites* no interior da relação de ensino-aprendizagem. Para tal, o trabalho em questão aborda a história das transições que ocorreram entre os primeiros escritos até as telas que cercam o globo. Ainda versa acerca da formação de leitores e o papel docente nesse processo. A pesquisa também se apresenta como um estudo qualitativo e exploratório, já que investiga, através da fala de professores do ensino básico, as dificuldades encontradas para formar leitores, a sua própria relação com a literatura e, por fim, sua familiaridade com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Constatou-se, por meio de entrevistas, que existe a constante necessidade de reinventar o fazer docente, conhecer e dialogar com os novos meios de informação, que cercam a atual geração de alunos, e explorar os suportes tecnológicos na prática de ensino dos educadores. Como produto final, foi criado um *site* ("Espaço Literatura" – *Google Sites*) como ferramenta na formação de leitores. Tal produto visa explorar as multimídias disponíveis para a plataforma ao congregar textos literários, textos de apoio, imagens, vídeos, *links* para outros *sites* e ainda uma aba específica para a construção conjunta de aluno e professor, e também para socialização e partilha de atividades e produções dos próprios discentes.

**Palavras-chave:** Literatura. Formação de leitores. Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

**Abstract:** This research aims to relate a dialogue between the literature presented in schools, the process of readers' training and the use of the Google Sites tool within the teaching-learning relationship. To this goal, the work in question addresses the history of the transitions that occurred between the first writings to the screens surrounding the globe. It is about the formation of readers and the teaching role in this process. The research is also presented as a qualitative and exploratory study, whereas it investigates, through the speech of elementary school teachers, the difficulties encountered to form readers, their own relationship with literature and, finally, their intimacy with Information and Communication Technologies (ITTs). It was found, through interviews, that there is a constant need to reinvent the teaching, to know and dialogue with the new information media, which surround the current generation of students, and explore the technological supports in the teaching practice of educators. As a final result, a website ("Espaço Literatura" - Google Sites) was created as a tool in the formation of readers. This product aims to explore the multimedia available for the platform by bringing together literary texts, supporting texts, images, videos, links to other sites and also a specific tab for the joint construction of student and teacher, and also for socialization and sharing of activities and productions of the students themselves.

**Keywords:** Literature. Formation of readers. Information and Communication Technology (ITTs).



## Considerações iniciais

Com a atual pesquisa proponho tecer um diálogo entre a literatura apresentada nas escolas, o processo de formação de leitores e o uso da ferramenta *Google Sites* no interior da relação de ensino-aprendizagem. No trabalho abordo a história das transições que ocorreram entre os primeiros escritos até as telas que cercam todo o globo, mantendo o enfoque em como estas transformações influenciaram nos movimentos de produção literária e artística como um todo. Dou assim, também, evidência ao processo dinâmico das construções leitoras dos indivíduos em sociedade. Ainda verso acerca da formação de leitores e o papel docente nesse processo.

Na pesquisa, também apresento um estudo qualitativo e exploratório, já que investigo, através da fala de professores do ensino básico, as dificuldades encontradas para formar leitores, suas próprias relações com a literatura e, por fim, a relação com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Sendo assim, constatei, por meio de entrevistas, que existe a constante necessidade de reinventar o fazer docente, conhecer e dialogar com os novos meios de informação que cercam a atual geração de alunos e explorar os suportes tecnológicos na prática de ensino dos educadores. Além dos demais desafios que se apresentam na rotina escolar como um todo, o que fica evidente com os relatos colhidos – posteriormente apresentados no texto.

Sendo impossível deixar de abordar, no ano de 2020, o Brasil e o mundo pararam em decorrência de uma recém-descoberta: o coronavírus. Algo inimaginável, para muitos de nós, aconteceu. Um vírus com elevada taxa de contágio, que se dava pelo ar entre pessoas contaminadas, que ainda possuía a capacidade de se prender a objetos, assim ampliando seu potencial de contágio, estava levando pessoas do mundo todo a óbito. Foi necessário que permanecêssemos reclusos em casa; para qualquer eventual saída o uso de máscaras era obrigatório; shoppings foram fechados, assim como restaurantes, comércios e, até mesmo, escolas e universidades. O impacto da pandemia de Covid-19 (Sars-CoV-2) é sentida até os dias que se seguem; são números chocantes de mortos no mundo, em especial no Brasil, reflexo evidente de um governo despreparado e corrupto.



Em decorrência dessas novas – e até desesperadoras – mudanças, mais uma vez o *reinventar* se tornou necessário. Os professores do mundo todo se viram frente ao ensino remoto e assim, seguindo o mesmo fluxo, vi a necessidade de criar um produto educacional que auxiliasse nesta etapa tão laboriosa que educadores e alunos, atualmente, se encontram.

Nisto, foi criado um *site* (“Espaço Literatura” – *Google Sites*) como ferramenta na formação de leitores. O produto visa explorar as multimídias disponíveis para a plataforma ao congregar textos literários, textos de apoio, imagens, vídeos, *links* para outros *sites* e ainda uma aba específica para a construção conjunta de aluno e professor, e também para socialização e partilha de atividades e produções dos próprios discentes.

O objetivo geral desse trabalho se manifesta, justamente, na elaboração desse produto educacional. Trazendo como objetivos específicos a construção de um panorama historiográfico dos diversos suportes utilizados para a leitura e a escrita e, ainda, o diálogo entre a formação dos leitores e as multiplataformas vigentes, além da investigação a respeito das trajetórias e experiências de docentes e suas práticas, também ao se tratar das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s). Com a criação do “Espaço Literatura”, após me apropriar dessa ferramenta, visei à possibilidade de somar com a minha própria prática docente e estimular ou despertar em colegas a vontade de explorar tais plataformas em suas salas de aula. Isso tudo servindo como frente à problemática apresentada anteriormente e visando sempre a formação de leitores críticos e cidadãos conhecedores de suas histórias e verdades.

### **Das folhas para as telas**

E tudo começa quando *no princípio era o Verbo*, fazendo essa pequena referência ao texto bíblico de João 1. Com o passar das eras da humanidade, o homem se desenvolvia em todos os aspectos. No âmbito linguístico, não era diferente. Dessa maneira, houveram experimentos que buscavam maneiras de manter, o que era dito, gravado na história, de forma definitiva, visto que as transmissões orais poderiam ser mais facilmente perdidas ou manipuladas. É só lembrar daquela brincadeira infantil chamada *Telefone sem fio* e perceber o



quanto a criatividade da época de infância fazia você começar o jogo com “O rato roeu a roupa do rei de Roma” e terminar com uma chocante ofensa à mãe de alguém.

Com o passar dos tempos e com a elaboração da escrita, ficou claro que o domínio da língua escrita atravessava seu “papel inicial” de documentação, e assim evidenciava seu poder e controle sobre os não detentores deste saber. Regina Zilberman (2011) corrobora, afirmando que:

Os povos da escrita aos poucos se confundiram com os vencedores, já que, senhores dos registros, tiveram condições de armazenar a narrativa dos eventos, controlando não apenas a natureza, mas também a história e o tempo. A escrita é, assim, não apenas status, mas também, e sobretudo, poder. Talvez por essa razão englobou a leitura, que, ao menos conceitualmente, coloca-se a seu serviço (p. 78).

Nesse caminhar, traço a pequena linha dos primeiros suportes utilizados pela escrita. Entre os suportes mais arcaicos, o homem já utilizou a argila, a pedra, o bronze, couro, madeira. No entanto, estes demandavam demasiado tempo e esforço ao serem manipulados. Com o crescente processo de expansão geográfica de várias civilizações, o crescimento do comércio e trabalhos em diplomacia, o uso da escrita tornou-se indispensável, e com novos contextos os novos suportes, menores e mais práticos, eram essenciais:

A nova situação demandou suportes menores e mais adequados. Além disso, não mais se tratava de tão somente registrar negócios, tratados políticos e legislação, mas também de resguardar a tradição religiosa, configurada em narrativas, poemas, cânticos e hinos. Produção eventualmente menos pragmática, esse material exigia proteção, de uma parte, facilidade de circulação, de outra (ZILBERMAN, 2011, p. 79).

Desta maneira, nossos antepassados foram levados a experimentação de diversos suportes mais práticos para a escrita. Foi entre os egípcios que houve o desenvolvimento do *papiro*, ancestral direto do papel que utilizamos dia após dia. Inclusive o termo *papel* faz referência ao nome empregado ao seu parente egípcio.

Deste processo de evoluções dos suportes, as próprias inovações tecnológicas interferiam na transformação da escrita. Se com o advento do papel, instrumentos como estiletos e demais objetos cortantes eram utilizados



no manejo desse suporte, as invenções subsequentes como a prensa mecânica e até a máquina de escrever proporcionaram variadas formas de comunicação e impulsionaram também a constituição de novas profissões, como a de datilógrafo, dentre outras.

Todas estas transformações culminaram no formato que, hoje, detém o maior prestígio: o livro. Todavia, seu formato e modo de produção atual é mais recente do que muitos podem imaginar. Entre suas primeiras modelagens, os “livros” eram escritos e transcritos de forma manual, e sua apresentação se dava mais em um formato similar aos pergaminhos – códices. As primeiras “gráficas” eram mãos de monges, que dedicavam seus dias em transcrever textos, em grande porção, eclesiásticos; isso corrobora com o fator de no clero estarem os detentores do conhecimento, na maior parcela da Idade Média. E assim, criando um grande abismo entre diversos saberes e a comunidade em geral. Ana Elisa Ribeiro (2011) pontua ainda que

Produzido, desde antes dos anos 1000, como códice e, há cerca de 500 anos, por meio da prensa, o livro impresso demorou muito a chegar à materialidade que tem nos anos 1900, sofrendo variações de tamanho, insumo, técnica de impressão, ilustração e durabilidade. Não bastasse essa saga da existência de uma tecnologia que não se tornou um “tecnossauro”, o livro chegou aos anos 2000 rico em representações, modos de fazer, modos de operar e de leitores. A proposta atual para essa tecnologia passa, então, mais uma vez, por novas técnicas de produção, máquinas e projetos (p. 95).

A autora já adianta um pouco a respeito das mais novas transformações que o livro atravessa, mas é interessante trazer a esta etapa falas que não somente abordem as funcionalidades de folhas de papel, associadas a canetas ou prensas. O livro possui um valor que transcende os signos linguísticos e se torna objeto encantado que toca e transforma.

Para muitos, o objeto livro possui peso sagrado, ocupa espaço de honra nos cômodos das casas. Em alguns casos, sua presença emana poder e respeito e, alguns outros, são verdadeiros portais para mundos mágicos. O poeta José Paulo Paes (2008) transforma as palavras de um poema em brincadeira, e afirma que os brinquedos comuns como bola e pião, de tanto jogar, se gastam,



mas as palavras não, e ainda encerra seu *Convite* com “vamos brincar de poesia?”.

Ainda que o livro, para tantos, possua essa aura mística e até sagrada, já nos anos de 1985, Italo Calvino (1990) falava do medo que cercava muitos intelectuais da época: o destino ou fim da literatura e do próprio livro. O autor declarava que, embora aquele tivesse sido o milênio do “objeto-livro”, passando suas transformações até chegar nesta forma tão familiar, o fim daquele milênio também trazia a inquietação sobre a partida do livro ou mesmo da literatura com a chegada da era tecnológica. No entanto, Calvino (1990, p. 11) irradiava para os dias vindouros sua esperança: “Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar”.

Busco manter aqui uma visão otimista do processo de transformação tecnológica, contudo apresento que, com tais mudanças advindas das novas tecnologias, um novo suporte é criado: a tela. Nesse momento, não há como negar: elas estão por todos lados. Inclusive agora; por acaso não está tendo seu primeiro contato com esse texto pelo celular ou computador? As telas estão em todos os lados. Mas creio que apenas delegar a elas um caráter usurpador também não seria justo. Entretanto, a própria literatura nos mantém alertas sobre este avanço. É impossível não recordar de *1984* de George Orwell ou *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, e da forma como aquelas realidades eram moldadas em torno da vigilância constante de Estados fascistas através destas, inicialmente, inofensivas telas. Zilberman (2011) acrescenta que:

Telas, entendidas como metonímia dos multimeios, não são objeto da aura de que o livro se revestiu ao longo do tempo, atitude esta que se intensificou a partir das últimas décadas do século XX. Tanto mais se valorizou o livro quanto mais ele perdeu espaço para a tela, com a qual passou a concorrer ostensivamente (p. 83).

Nessa linha, a autora continua a tecer sobre vantagens e desvantagens de ambos os suportes. Não obstante, destaco o potencial criativo e as condições de divulgação e acesso que a tela – e a internet em sua totalidade – propõe. Dito isto, Regina Zilberman (2011) prossegue



Assim, de um lado, cabe respeitar e valorizar o tipo de leitura que a “tela” proporciona e reconhecer a contribuição que a expansão do universo digital tem feito aos procedimentos de criação literária – divulgando-os, dando margem ao aparecimento de novos gêneros, suscitando a emergência de novos paradigmas teóricos e críticos. Por outro, é mister admitir que o livro tem seu lugar garantindo no interior da cultura e da civilização contemporânea, ainda que seu formato possa se alterar, em decorrência das novas conquistas tecnológicas (p. 89).

Atualmente, o *Kindle* (leitor de livros digitais) tem sido meu fiel companheiro, inclusive por sua facilidade e praticidade no transporte, visto que o mesmo tem dimensões similares a um celular – sendo um pouco maior – e pela possibilidade de se guardar uma biblioteca inteira em sua memória. No entanto, ainda que este se proponha a imitar as folhas de papel com seu *display*, o aroma de um livro novo, talvez, jamais seja imitado. Com tudo que fora abordado, lembro que este trabalho visou se debruçar sobre os novos suportes tecnológicos que nos cercam – que cercam principalmente nossos alunos – e assim obter o diálogo com as novas ferramentas que se apresentam no cotidiano.

### **Da formação de leitores e as multiplataformas**

Creio que todo mundo, ao menos uma vez, já tenha escutado em algum lugar: “Ler é muito importante!”, mas talvez grande parte dessas mesmas pessoas não compreenda o quão importante é, de fato, ler. A leitura em si está diretamente associada ao desenvolvimento da cidadania, da construção de identidade e ao próprio processo de inclusão social. Silva & Couto (2013, p. 11) indicam que é daí que surge “[...] a necessidade de sua promoção de forma orgânica e sistemática, por meio da qual se confere ao cidadão maior competência profissional e inserção social”.

A proposta é articular a relação entre a extrema necessidade de se formar leitores com alguns dos múltiplos suportes de leitura disponíveis atualmente. Ressalto que incentivar e formar leitores é um trabalho que transcende o ambiente escolar, ainda que esta seja uma das principais missões dos educadores, em especial dos professores de Língua e Literatura. Assim, trago a



seguinte fala que explicita a urgência em adotar práticas que visem à transformação da nossa sociedade:

É nesse sentido abrangente de uma prática voltada para a reconfiguração de uma sociedade tradicionalmente excludente, como tem sido a brasileira, que a literatura adquire plena importância no contexto social contemporâneo, atuando de forma efetiva na eliminação dos fatores impeditivos que entravam à assunção de uma ampla política educacional inclusiva (SILVA & COUTO, 2013, p. 12).

Essas mudanças estão relacionadas, diretamente, ao desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, criando assim condições de aprendizagem, de melhor socialização, do estreitamento do contato com a literatura em si e com seus promotores e instrumentos, ao oferecer aos leitores uma gama de possibilidades. Construindo ainda a capacidade plena da comunicação escrita, estimulando a busca pelo conhecimento em si, de novas culturas e com o próprio imaginário nos livros. A literatura também se torna grande aliada na promoção da interdisciplinaridade, em decorrência dos atravessamentos e vozes que possui.

Um dado alarmante, apresentado por Silva & Couto (2013), indica que o Brasil ocupa o 14º. lugar, entre os países da América Latina, quando se fala em dados relativos à alfabetização. O país possui a taxa de 9,7% de analfabetos. Sendo assim, a leitura e a formação de leitores assumem papel de maior destaque na difusão de valores democráticos, além de possuir real força no processo de ascensão social e no pleno acesso aos direitos do cidadão.

Além da formação de leitores, é impossível não abordar também a formação dos próprios professores, em especial os de ensino fundamental, pois é nessa etapa educacional que a promoção da leitura e literatura pode cativar alunos para a vida toda. Esses professores necessitam criar espaços de socialização para experiências de leitura, desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos, além de dominar os suportes e ferramentas que estão inseridos na contemporaneidade. Ressalto que

[...] estamos entrando no século do conhecimento, num momento histórico em que a informação e a capacidade de construir conhecimentos de forma autônoma vai ser, cada vez mais, cobrada dos profissionais de todas as áreas, segmentos e



vertentes. E só consegue construir conhecimento de forma autônoma, só consegue versatilidade para se adaptar habilmente às mudanças que estão em ritmo crescentemente mais veloz, quem for leitor. E bom leitor! (MARIA, 2002, p. 86).

E com isso, também faço a ressalva da importância do professor – de sua formação, também, enquanto leitor – e de seu papel de mediador e formador de leitores, visto que, para muitos alunos, é o professor seu único incentivador ou referência de construção leitora. E com essa linha de pensamento, trago a necessidade de também se explorar as diversas formas de leitura: a formação do leitor através das múltiplas plataformas e suportes que as novas tecnologias estão oferecendo ao mundo.

Diversos autores se dedicam ao tema da leitura e à sua relação com a internet, no entanto – como já dito anteriormente – muitos ainda se mostram temerosos em relação ao futuro do livro e da literatura. Em contraponto a isso, Nelson Ascher (1996) argumenta que essa ideia de existir uma verdadeira competição entre o livro e os novos recursos eletroeletrônicos e/ou audiovisuais pode estar relacionada a uma certa “miopia”, pois, na realidade, tudo aponta para a complementaridade e não para “extinção” do formato anterior.

Entre os benefícios dos novos suportes de leitura, apresento cinco peculiaridades destacadas pelas pesquisas de Leo Cunha (2011, p. 135):

*Uso do hipertexto:* a escrita (e conseqüentemente a leitura) reticular, não linear, permitindo múltiplos caminhos de leitura. O meio digital não apenas favorecia, mas também estimulava a maior conexão entre diferentes textos;

*Uso da multimídia:* uso de som, animação, vídeo, simulações, imagens em 3D, aliados ao texto verbal propriamente dito;

Maior *interatividade* entre o autor e o leitor. Principalmente nas obras disponibilizadas na rede, percebia-se um estímulo, quase um convite, às criações colaborativas;

Grande facilidade de *alteração e atualização* do conteúdo, e conseqüentemente, uma evidente relativização da noção de textos “prontos”, “acabados”.

Uma forte tendência à *autorreferência*, à metalinguagem, na medida em que a publicação eletrônica evidenciava seus intestinos, suas estruturas, por meio de *links*, botões, mapas de navegação, ferramentas de busca, entre outros elementos.



Conforme Italo Calvino (1990) já expressava, a literatura que chegaria ao nosso atual milênio tinha enorme potencial de criação e encantamento, mas o autor enfatizava a necessidade de que ela não decaísse aos excessos de imagens pré-fabricadas que, de fato, povoam as mídias que nos cercam. Em tentativa de minimizar a sensação de estranheza e a falta de consistência deixada por estes meios, a arte como um todo deveria se propor em:

[...] reciclar as imagens usadas, inserindo-se num contexto novo que lhes mude o significado [...], utilizar de modo irônico o imaginário dos meios de comunicação [...], introduzir o gosto do maravilhoso, herdado da tradição literária, em mecanismos narrativos que lhe acentuem o poder de estranhamento (CALVINO, 1990, p. 111).

Concluo a seção trazendo a fala de Patrícia Corsino (2011, p. 157), que aborda a interação entre a leitura e as telas. A autora destaca que a leitura das imagens expande a leitura do texto verbal, já que se dá de modo não linear e possui camadas diversas. Gerando uma infinidade de caminhos possíveis de trilhar, as inter-relações que ocorrem entre elas têm o poder de romper as barreiras entre o visível e o invisível, assim sendo: “Na leitura/apreciação, o curto-circuito emocional toca, emociona, sensibiliza, realiza a própria obra na confluência entre autor-obra-apreciador”.

### **De trajetórias e experiências**

Nessa seção, apresento os dados provenientes da pesquisa de campo desenvolvida. Vale realçar seu viés qualitativo já que se aproxima da fala de professores, da subjetividade desses indivíduos, dessa maneira buscando “[...] significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2003, p. 21-22). Também apresento sua natureza exploratória, considerando o tempo dedicado a interrogação prévia sobre o objeto, pressupostos, teorias pertinentes e questões operacionais que me levaram para campo, e realizando entrevistas, observações, levantamento de diversos materiais, documentos e bibliografia (MINAYO, 2003).



Foram realizadas cinco entrevistas com professores do ensino básico (ensino fundamental II e médio), que ocorreram no mês de julho de 2021, no estado do Pará. As entrevistas aconteceram de forma virtual por meio da ferramenta/aplicativo de videoconferência *Google Meet*, tanto em decorrência do cenário da pandemia de Covid-19, quanto pelas barreiras geográficas existentes entre mim e os entrevistados, visto que alguns residem em localidades fora de Belém-PA. Achei interessante trazer professores que atuam em diferentes cidades do estado do Pará, para melhor desenhar esse panorama e compreender similaridades e diferenças desses cenários. Esse ponto mesmo foi um dos critérios de seleção dos entrevistados, além da proximidade dada por minha própria rede de contatos.

Seguindo um roteiro de entrevista semiestruturado, as questões propostas foram divididas em 4 blocos, sendo estes: Perfil, formação e atuação (*Bloco 1*: Para compreender o perfil dos docentes entrevistados na pesquisa); Trajetória e Práticas de Ensino (*Bloco 2*: Para conhecer a realidade e história desses educadores e ir ao encontro das suas práticas em sala de aula); Utilização de TIC's (*Bloco 3*: Para descobrir o modo que as Tecnologias de Informação e Comunicação já se mostram presentes em ambiente escolar); Produto: Espaço Literatura (*Bloco 4*: Para avaliação de relevância do produto educacional elaborado e apresentado neste trabalho).

## Das vozes e docentes

A partir de agora, trago as vozes dos professores entrevistados, socializando também minha percepção e os atravessamentos que brotaram desta etapa. A tabela a seguir apresenta o perfil desses docentes. Mantendo os parâmetros éticos que permeiam a pesquisa e, para proteção de identidade dos sujeitos, codifiquei seus nomes com referências a autores da literatura de expressão amazônica, fazendo assim uma singela homenagem.

**Bloco 1: Perfil, formação e atuação**

	<b>Maria Lúcia</b>	<b>Haroldo</b>	<b>Eneida</b>	<b>Edyr</b>	<b>Dulcinéa</b>
<b>Gênero</b>	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>Idade</b>	27	28	26	29	28



<b>Instituição onde concluiu graduação / Ano de conclusão</b>	IFPA – Campus Belém / 2016	UEPA – Campus I / 2016	IFPA – Campus Belém / 2016	UEPA – Campus I / 2016	UEPA – Campus I / 2015
<b>Titulação</b>	Especialista	Especialista / Mestrando	Especialista	Graduado	Especialista
<b>Leciona quais disciplinas?</b>	Português, Produção Textual e Literatura.	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa e Literatura
<b>Anos de experiência no Ensino Básico</b>	7	4	5	5	4
<b>Atua na rede pública e/ou privada?</b>	Rede privada.	Rede pública estadual	Rede pública estadual	Rede pública estadual	Rede pública estadual
<b>Município de atuação</b>	Belém	Benevides	Ananindeua	Santa Bárbara	Cachoeira do Arari

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (2021).

Em seguida, as respostas referentes ao **Bloco 2** de perguntas: *Trajétoria e Práticas de Ensino*. Ao conhecer as trajetórias desses educadores, é possível se aproximar mais de suas vivências e práticas. Para início, a primeira pergunta foi “O que levou você a escolher uma licenciatura, mais especificamente o curso de Letras?”.

Em todas as falas, identifiquei que a familiaridade e certa aptidão com os conteúdos de Língua Portuguesa (LP), referentes ao ensino básico, somaram para a escolha de profissão dos entrevistados. Mas acho interessante destacar duas falas, já que expressam tanto a relação afetiva com as letras, quanto a inspiração em antigos professores que tiveram e mostraram o valor de reinventar a prática docente, abandonando posturas engessadas:

*Eu amo o mundo das letras. Sempre estive envolvida com as palavras, mesmo sem perceber, as minhas brincadeiras de criança envolviam escrever e ler, eu brincava de ser professora, sempre gostei de transcrever letras de músicas, de preencher diários e agendas, fazer listas e afins; apresentar essa paixão para outras pessoas e poder trabalhar com isso torna tudo ainda melhor, não me vejo em outra profissão, é o que gosto e sei fazer (MARIA LÚCIA, 2021).*

*Sempre gostei muito de Língua Portuguesa. Era uma das minhas disciplinas preferidas durante os anos escolares, e eu me dava geralmente bem nela. Mas foi no cursinho municipal*



*que fiz em Benevides, onde conheci alguns professores, que atuavam "fora da caixa", que decidi cursar uma licenciatura, pois eles me fizeram ter outra visão da docência. Letras foi minha escolha porque, como eu disse, sempre gostei da disciplina, e porque sempre tive gosto pela leitura. Então, Letras seria o ideal, pois juntava duas coisas que eu gostava (EDYR, 2021).*

A segunda pergunta está intimamente relacionada à formação leitora dos professores: “Dentro da sua trajetória de vida (em especial, durante seu ensino básico), você teve alguma influência (pessoa, ambiente, grupo) determinante para sua formação como leitor? Qual(is)?”. Questionei a respeito das influências que os participantes da pesquisa tiveram – ou não – em suas trajetórias, visto que tais estímulos na vida do educador se tornam exemplos e refletem tanto em sua atitude de leitor, como no processo de formar alunos-leitores. Aqui destaco duas falas que apresentam questões relativas à dificuldade no acesso aos bens literários e também citam a importância de ter uma rede de amigos e familiares que sirvam ao propósito da formação de leitores, ainda que estes não compreendam sua real importância, e dos espaços de leitura nas escolas, a exemplo das bibliotecas:

*Durante minha infância, minha mãe foi minha maior incentivadora. Além de me fazer ler muitos textos, ela também gostava de ler bastante, e ela lia uma coleção de livros bem antiga, que emprestava de uma tia, chamada "Sabrina", onde cada edição contava uma aventura amorosa diferente. Ainda na infância, tive uma prima que nos reunia com outros primos e lia pra gente. Ela lia contos, fábulas, "lendas", etc., e as histórias sempre me encantavam. Fora os gibis da Turma da Mônica que ela e seus irmãos me emprestavam. Já na adolescência, eu tive a sorte de estudar em escolas públicas que possuíam bibliotecas, então eu estava sempre com um livro na mão (EDYR, 2021).*

*O meu círculo de amigas foi bastante influenciador para que eu gostasse da leitura. Minhas amigas sempre compartilhavam os livros delas comigo e fazíamos um rodízio entre nós para que todas que tivessem interesse pudessem ler num certo período de tempo (ENEIDA, 2021).*

No terceiro questionamento, direcionei a conversa aos desafios vivenciados pelos professores diante da formação de alunos em leitura, interpretação e escrita: “Aponte principais desafios vivenciados por você diante da formação de alunos competentes em leitura/interpretação/escrita”. Coloque



em foco duas falas, uma delas compartilha uma séria preocupação associada a um tipo de “consciência coletiva”, que gera um padrão de comportamento nos alunos de determinada cidade no interior do Pará. Este os leva a manter um ciclo que determina o vínculo com o espaço escolar em quase inexistente. A segunda fala esboça o quanto a falta do hábito de leitura interfere no rendimento dos educandos, ocasionando perdas em áreas de extrema importância para o cotidiano dos alunos, quando falamos da capacidade de interpretação:

*Nossa, eu perco a conta na hora de enumerar, mas vou dizer que o mais difícil e mais dolorido pra mim é o comodismo. Trabalho numa escola situada na Zona Rural de um município do Marajó, numa comunidade Ribeirinha. Aqui é muito difícil fazer com que os alunos enxerguem além do dia o dia. A maioria vive num círculo vicioso que gira cada vez mais rápido, então fica impossível tirá-los dele sem que queiram sair de verdade. Imagine que é como pular de um carro em movimento, vai ser difícil, dolorido e demorado até que consiga levantar e seguir em frente. Principalmente sem alguém familiar ao lado. É muito mais cômodo permanecer no banco do carona do carro, não é mesmo? Muitos de meus alunos enxergam na escola como um todo, uma perda de tempo (DULCINÉA, 2021).*

*A falta de hábito dificulta muito todo o processo. Por exemplo, a escrita é um exercício, é treino, quanto mais você fizer, melhor vai ficar, logo muitos alunos não querem ter o "trabalho", não entendem que o processo de escrever não é produto acabado, finalizado. Já na leitura, muitos não se conhecem como leitor, não sabem o que funciona pra eles e não estão dispostos a conhecer. Esses são os desafios mais visíveis pra mim e que acabam influenciando negativamente na interpretação também (MARIA LÚCIA, 2021).*

Elaborei a quarta pergunta com o intuito de vislumbrar se os professores de Língua Portuguesa possuem o apoio dos demais professores e gestores educacionais, nessa necessária – no entanto, árdua – missão de formar leitores, uma vez que a escola é compreendida como um organismo e todos devem desempenhar seu papel no interior desse processo de formação plena dos educandos. Mas não somente isso, pois a parceria e o pensamento em equipe também são essenciais: *“Existe uma parceria com a coordenação e corpo docente, como um todo, para a aplicação de projetos que visem à leitura na escola? De que forma?”*. Acentuo a presença de diferentes cenários pelas falas dos entrevistados. Alguns declararam que o apoio ocorre em maior ou menor



grau, e existe essa facilitação para desenvolvimento de projetos de leitura. Mas também há o corriqueiro depoimento a respeito da total falta de apoio e investimento na área e até a perda, em decorrência do cenário da pandemia de Covid-19, na relação escola-biblioteca-livros-alunos.

*Na teoria, sim. Na prática, não. A escola dá o aval para que projetos dessa natureza possam ser realizados, porém a aquisição de recursos e a organização como um todo fica sempre a cargo do professor que deseja desenvolver a ação, desde as negociações dos tempos de aula de colegas que possam ceder o seu horário para a orientação dos alunos, até a compra de materiais e confecção de qualquer coisa que seja (ENEIDA, 2021).*

*Na escola onde leciono, há um horário específico durante a semana para a socialização de leituras. No início de cada ano letivo a escola seleciona quatro autores para lermos ao longo do ano, dentro desta seleção há vários gêneros textuais: conto, romance, crônica (MARIA LÚCIA, 2021).*

*Não. Infelizmente, somos muito carentes, carentes de tudo. Não temos estrutura, não temos sequer gestão pedagógica. Nosso quadro docente é reduzido, assim como o corpo técnico e apoio. No geral, somos alguns professores, dois funcionários e a diretora contra o mundo (DULCINÉA, 2021).*

*Antes da pandemia, a escola projetava gincanas com diversas tarefas. Uma delas era premiar com certificados as turmas que liam a maior quantidade de livros da própria biblioteca da escola (HAROLDO, 2021).*

Na quinta pergunta, faço o aprofundamento acerca do fazer docente dos entrevistados, buscando um fluxo que desemboque no uso de novos ou diferentes recursos no processo de ensino e formação: “*Você tem o hábito de planejar suas aulas? Faz uso de quais técnicas de ensino? (Aula expositiva, seminários, portfólios, painel, palestras...)*”.

*No meu trabalho precisamos seguir o livro didático e o próprio livro apresenta algumas sugestões de planejamento, como aulas expositivas, sigo algumas sugestões, outras vezes uso slides, dinâmicas em sala, seminários (MARIA LÚCIA, 2021).*

*Sim. Quando o ensino era presencial, eu fazia o impossível para deixar as aulas as mais participativas e dinâmicas, dividia a turma, promovia gincanas, sempre tentando fugir o quanto desse de aulas expositivas a não ser quando fosse necessário para tirar os alunos da inércia. Hoje, em ensino remoto, as coisas ficaram muito complicadas. Aqueles alunos pouco participativos*



*acabaram se afastando ainda mais. Principalmente, devido a nossa falta de acesso à internet (DULCINÉA, 2021).*

*No estado [rede estadual de ensino]<sup>1</sup> não temos o hábito de entregar planos de aula, apenas o planejamento anual da disciplina ou de projetos específicos que queiramos desenvolver. Faço meus planos em minha própria agenda, para fins de organização pessoal/profissional e, como temos muitas limitações, geralmente as aulas recaem no método expositivo ou de seminários ou debates em grupo (ENEIDA, 2021).*

O interessante nas respostas está na visualização de aspectos da autonomia e da disponibilidade de recursos nas redes pública e privada, tornando evidente as disparidades. Na fala de Maria Lúcia, que possui vínculo com a rede privada, pude enxergar uma mecânica associada ao livro didático em decorrência das normativas da instituição, enquanto que nas demais falas, de professores da rede pública, é visível uma maior “independência” – não que isso seja 100% mais benéfico, como observado na questão anterior, pelo caráter de organismo que a escola deveria possuir – no entanto, existe a perda quando se trata de recursos e estrutura nas escolas públicas.

A sexta e última pergunta do bloco retoma a um ponto chave do trabalho, a importância de se formar leitores e o quanto esse processo é significativo para os entrevistados, como educadores: “*Para você, como professor das áreas de Letras, qual a importância de se formar leitores?*”. Todas as falas dos professores entrevistados foram atravessadas pelo sincero almejo de que seus alunos atingissem seu ápice, enquanto cidadãos e sujeitos críticos. Pontuo algumas vozes:

*[O hábito de ler] É fundamental para que esse aluno possa exercer sua representação na sociedade enquanto sujeito crítico que reflete sobre os problemas em sua volta (HAROLDO, 2021).*

A importância maior é formar cidadãos críticos, que consigam enxergar os textos, verbais e não verbais, pra além do óbvio. Que eles sejam capazes de questionar e se questionar. Que não sejam pessoas conformadas e que não aceitem imposições que lhes prejudiquem apenas por não se darem conta que estão sendo, de fato, prejudicados (EDYR, 2021).

<sup>1</sup> Os trechos no interior de colchetes representam minha interferência nas falas ou servem como explicação e/ou contextualização.



*Essa eu vou responder com outra pergunta: qual a importância de beber água? (risos) [Realmente é uma necessidade!] (DULCINÉA, 2021).*

Dando início ao **Bloco 3: Utilização de TIC's**, minha intenção com as perguntas seguintes foi explorar os diversos contextos educativos dos entrevistados e apreender a respeito da relação deles com as atuais Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), pois, em decorrência da pandemia de Covid-19, alunos e professores tiveram que se adaptar ao ensino remoto. Diversos educadores tinham pouca ou nenhuma intimidade com tais ferramentas. Não só o contexto requeria essa mudança de práticas, como a atual geração de educandos se configura, em maior ou menor grau, sob esta “redoma” tecnológica e a necessidade de reinvenção das práticas de ensino permanecesse em crescente progressão.

Como primeira pergunta, questiono se os entrevistados utilizam as TIC's em suas aulas, pedindo o aprofundamento acerca da relevância da utilização destas ferramentas nas práticas de ensino: *“Você utiliza Tic's (Tecnologias da informação e comunicação) na sua prática em sala? Explique a importância de tais ferramentas nas suas aulas”*. Novamente, ficou claro o quanto o cenário escolar é diverso. Em alguns dos casos relatados, as TIC's já eram utilizadas antes mesmo do cenário de pandemia, no entanto, o uso desses recursos se tornou essencial em decorrência do distanciamento social. O que persiste é o fato de a escola pública ser o local de menor estrutura e oferecer menos suporte para seus professores e alunos.

*O que eu mais utilizo são o celular e uma caixa de som, quando preciso utilizar músicas. A escola também possui uma TV e um datashow, que são bem importantes quando se é necessário utilizar material audiovisual. E eu acredito que seja importante utilizá-los porque, querendo ou não, fazem parte da realidade dos alunos, e eles precisam se sentir mais próximos da escola e, conseqüentemente, da disciplina. Os próprios celulares dos alunos podem ser utilizados como uma ferramenta de ensino, pois, por meio desse aparelho, muitos alunos fazem suas pesquisas (EDYR, 2021).*

*Uso bastante as trilhas de aprendizagem on-line que o livro disponibiliza e celular para consultas rápidas durante trabalhos em sala de aula (MARIA LÚCIA, 2021).*



Na segunda pergunta, relatei a formação de leitores em consonância com os meios tecnológicos e as atribuições advindas da BNCC, que aspiram a elaboração e utilização desses recursos não somente como plataforma, mas objetivando também construir saberes *por meio de e sobre* as próprias tecnologias (BRASIL, 2018). Perguntei quais são os desafios enfrentados na prática docente para manter tal equilíbrio nesse sistema: *“Em consonância com a BNCC e dada a geração atual dos nossos educandos, como você encara os desafios que permeiam a formação de leitores e os meios tecnológicos?”*.

Enfatizei três respostas que dão bom panorama do atual cenário da educação, admitindo sim que é possível e necessário que o professor se reinvente, atualize-se e se capacite para lidar com as novas demandas. Há também o destaque para a necessidade de formar os professores, principalmente das gerações mais antigas, para que possam existir alunos e professores proficientes no atual cenário de nossa sociedade.

*Precisamos nos atentar para o fato de que gerações não são estáveis, pois elas mudam, e cada geração vive uma experiência diferente, por isso é preciso acompanhá-las. Se o aluno tem acesso a um celular, por que não disponibilizar uma atividade que seja possível realizar por meio desse aparelho? Isso sem falar a facilidade em obter livros em PDF, por exemplo. Nem todos têm condições de comprar livros físicos, então, os livros digitais se tornam uma opção mais viável. O desafio só se torna um desafio, nesse sentido, quando fechamos as possibilidades e nos agarramos ao passado, em vez de acompanhar o presente (EDYR, 2021).*

*Um desafio é justamente capacitar os professores para esse contexto. Professores recém-formados possuem maior domínio de gêneros digitais, mas não é o caso de professores formados em décadas atrás (que não dominam completamente esses gêneros que servirão como suporte para tal prática); outro ponto é que nem todas as escolas possuem recursos suficientes para isso: na escola em que trabalho, somente em abril de 2021, as salas de aula receberam roteadores de internet. Ou seja, antes disso, os professores não conseguiam pôr atividades on-line da própria escola (HAROLDO, 2021).*

*Os desafios são diversos, mas acredito que tenhamos dado o pontapé inicial rumo à tecnologia. Os alunos tiveram que se familiarizar a ler textos mais extensos nas telas, mesmo que com poucos recursos e sem as plataformas adequadas. Numa realidade melhorada, daqui a um tempo, acredito que haverá mais eficácia e acessibilidade para os alunos da rede pública e,*



*então, nosso desafio maior será apenas a orientação e foco nos projetos que quisermos desenvolver por esse meio (ENEIDA, 2021).*

Dada a terceira e última, busquei esclarecimento sobre o que seria indispensável em uma plataforma que busca ser ferramenta educacional, como é o caso do *Google Sites*: “Ao se considerar a importância das *Tic's (Tecnologias da informação e comunicação)* na atualidade (principalmente ao se destacar o cenário da pandemia de *Covid-19* e sua interferência no contexto escolar), o que você acha indispensável em uma plataforma que busca ser uma ferramenta educacional, como é o caso do *Google Sites*?”. Dentre as respostas, separei três que detalham que o suporte ideal deveria congrega a facilidade de acesso, mesmo em condições de baixa qualidade de internet e recursos que somassem, de verdade, na rotina de sala de aula.

274

*O essencial é simplicidade, praticidade e facilidade de acesso. A pandemia nos pegou de surpresa e mostrou o quanto estávamos despreparados em relação a isso, mesmo que estejamos vivendo a era tecnológica. Como eu trabalho em uma escola rural, onde o acesso à internet é complicado, se faz necessário o uso de uma plataforma "leve", que sirva um conteúdo variado, com boas fontes, porém, de fácil e rápida utilização (EDYR, 2021).*

*Ser intuitivo e dinâmico. Que não tenha tantos "passos" burocráticos para realizar as ações (MARIA LÚCIA).*

*Considero importante ter fácil acessibilidade, aparência "clean" e que não exija uma internet tão veloz para ser aberta. Além disso, seria interessante haver abas ou hiperlinks que oferecessem "extras" sobre o assunto em foco (ENEIDA, 2021).*

Com a última pergunta deste bloco, avanço em direção ao meu produto. Vale ressaltar que o bloco de perguntas final se debruça sobre a avaliação feita pelos entrevistados a respeito do *site* Espaço Literatura, produzido no desenvolvimento desse trabalho

## **Do “Espaço Literatura”**

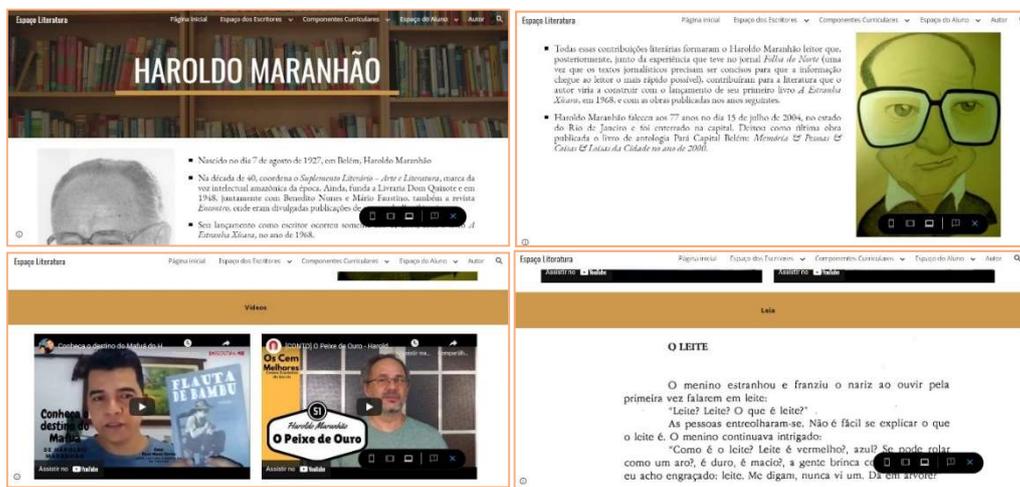
Após muita reflexão, compreendi que elaborar um *site*, que viesse somar às práticas de ensino advindas do novo cenário de aulas remotas, seria de grande valor não só aos alunos, mas especialmente aos colegas professores.



Optei pela plataforma *Google Sites* por sua praticidade na produção e compartilhamento de conteúdos (estando disponível para acesso pelo computador, *tablet* ou *smartphone*), por sua facilidade no manuseio e por estar acessível a custo zero na rede.

Vislumbrei um *site* que, a princípio, apresentasse em sua essência autores em geral, pontos-chave em obras e, somado a isso textos, vídeos e demais mídias, dado o meu objetivo em auxiliar na formação de leitores. Mas ampliei o *site* também para ilustrar como a ferramenta poderia ser diretamente associada à rotina de sala de aula. Então, selecionei materiais, disponíveis em rede, a respeito do conteúdo programático, que contemplariam a disciplina de Literatura no 1º. ano do Ensino Médio. Também associei textos, imagens, vídeos e games, *links* para outros *sites* e materiais de apoio, além de aba específica para a construção de conteúdos em parceria com os educandos. Fazendo ao mesmo tempo o exercício do papel de agentes, no interior do processo de ensino-aprendizagem.

Figura 1: Recortes da aba *Haroldo Maranhão*, inserida em *Espaço dos Escritores*.



Fonte: Produto educacional site "Espaço Literatura". Elaboração do autor (2021).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta diversas questões e competências que devem ser desenvolvidas durante o ensino básico. Através da competência geral 5, relaciono a elaboração do site "Espaço Literatura" e esta competência que instrui:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética



nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Ainda apresento ao corpo do meu produto demais competências que estão atreladas à própria formação de leitores e ao trabalho com as literaturas regionais (BRASIL, 2018). Enfatizo a importância de trabalhar com as obras de autores amazônicos. Para fomentar esse aspecto, utilizo como fonte Fares (2013) ao falar sobre a falta de visibilidade dos escritores regionais em sala de aula. O caráter atribuído a essas literaturas acaba sendo o de *margem* ou *borda*, como afirma a autora:

Estamos, então, na borda com as literaturas que admitem os adjetivos infantil, oral, popular e regional, africana, indígena, feminina, de testemunho, entre muitas outras. E, muitos de nós, professores de literatura, além dos autores de livros didáticos, desconhecemos essas literaturas e por isso não temos como estabelecer diálogos intertextuais (FARES, 2013, p. 83).

Dessa maneira, ressalto a importância de formar leitores e oportunizar o contato com essas obras marginalizadas. Isso se dá, não necessariamente, por seu teor insólito ou por tratar de tabus, mas por estarem afastadas dos educandos pelo estigma de não ser pertencente ao *cânone*, por terem autoria de mãos negras ou por não serem criadas por autores do eixo sul-sudeste.

Em decorrência desses atravessamentos, apresento meu produto com extremo respeito aos alunos, aos colegas professores e aos escritores que agregam arte, cultura e vida à nossa região.

Desse ponto em diante, retorno ao levantamento feito com os cinco professores entrevistados, apresentando aqui o **Bloco 4: Produto: Espaço Literatura** para avaliação da relevância do produto educacional elaborado e apresentado nesse trabalho. A partir de apreciação prévia do produto (*site*) intitulado "Espaço Literatura", solicitei aos entrevistados que manifestassem suas impressões quanto ao conteúdo já existentes e a respeito das possibilidades de expansão do mesmo. De maneira geral, os entrevistados deram declarações positivas em suas análises e ainda recomendariam a utilização do *site* para outros colegas de profissão.



Contribuindo aos relatos apresentados, sobressaio que um dos entrevistados – aqui intitulado de Professor Edyr – não só avaliou o *site* como, posterior ao momento da entrevista, utilizou o mesmo em uma de suas aulas. O retorno com o relato ocorreu quase 2 meses após o primeiro contato com o entrevistado.

Devido à pandemia de Covid-19, a turma estava em número reduzido, oito alunos participaram e utilizaram o site “Espaço Literatura”, no dia em questão. A escola dispunha de uma pequena sala de informática, porém o professor também achou interessante utilizar os próprios telefones celulares dos alunos para a realização da dinâmica com o *site*. Apresento a fala de Edyr:

*Em uma das minhas turmas de terceiro ano, com alunos entre 17-19 anos, conversávamos sobre o tema "tecnologia no ensino", enfatizando as maneiras que ela auxilia no ensino-aprendizagem. Aproveitando o assunto, apresentei aos alunos o site "Espaço Literatura", mostrando a eles que essa é mais uma ferramenta que pode e deve ser utilizada durante suas pesquisas. A maioria dos alunos da turma possui ou leva celular para a escola, então, pedi pra que eles utilizassem seus aparelhos para acessarem o site e conferirem os conteúdos contidos nele, dando-lhes um tempo para que pudessem explorá-los. A recepção foi bastante positiva, cheia de elogios por parte dos estudantes.*

Nesse relato, ratifico que o produto apresentado se mostra como recurso, que desperta o interesse do educando, pois está ao alcance de suas mãos. Sua plena utilização pelo aparelho celular evidencia versatilidade e se coloca como instrumento que aproxima os saberes apresentados da *rotina digital* dos educandos.

O Site “Espaço Literatura”, pela possibilidade de expansão e desenvolvimento, ainda possui determinadas lacunas, mas cumpre papel de trazer à tona tais discussões e enfrentamentos. Esta pesquisa não visa silenciar as carências da educação, mas possibilitar o diálogo entre diversos contextos e realidades das escolas brasileiras. Somente assim, talvez, as transformações tão sonhadas por nós, educadores, possam ser possibilitadas.

## Considerações finais



Concluir este trabalho é uma das maiores problemáticas que posso relatar, neste momento. É difícil encerrar uma discussão que se mantém tão viva. Todavia, é possível tirar, ao menos, uma constatação dentre tantas linhas: nós, professores, seremos sempre aprendizes. Não há como ser distante do *aprender*, sendo nós mesmos cercados pela educação.

Quanto aos objetivos propostos, encaro que conhecer as transformações pelas quais passaram os diversos suportes de leitura e escrita, até os de nosso uso hoje, evidencia que as transformações são frequentes e constantes. Compreender as multiplataformas, seus mecanismos e sua importância também se mostram relevantes no processo de formar leitores críticos e de opinião. Assim, formando também cidadãos.

Constatando, olhar atentamente para nossos alunos, estar abertos ao diálogo e a reconfigurar e atualizar nossas práticas é a maior lição que busco compartilhar com este trabalho. Afinal, formar leitores começa também com exercícios em nós mesmos. Nós, educadores, precisamos ser leitores para que possamos tocar a atual geração de alunos. Somente assim, a partir de nossas próprias ações, esta missão poderá ter braços capazes de alcançar mentes e moldar sonhos.

Essas etapas culminaram na investigação feita, na captação de vozes docentes que necessitam ser ouvidas. Meu produto educacional também se nutriu desse coro e ganhou corpo através de cada etapa apresentada. Cumprindo seu papel, o *site*, após a apreciação dessa equipe de docentes, se mostrou pronto e útil para o dia a dia escolar. Não apenas para a disciplina de Língua Portuguesa/Literatura, mas também como ferramenta interdisciplinar para construção de diversos saberes.

Emprestando algumas palavras que o poeta amazonense Thiago de Mello dedicou a Paulo Freire, também dedico aos meus colegas de profissão e aos alunos brasileiros, o desejo de que tanto os fonemas, quanto todas as letras, sejam mágicos sinais e que possam se abrir em constelações de girassóis.



## Referências

ASCHER, Nelson. Eletrônica e escrita não são excludentes. In: ASCHER, Nelson. **Pomos da discórdia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORSINO, Patrícia. A tela e a escrita, a escrita e a tela: interações e leituras. In: MARTINS, Aracy Alves *et al* (org.). **Livros & Telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CUNHA, Leo. Perdidos e achados no ciberespaço. In: MARTINS, Aracy Alves *et al* (org.). **Livros & Telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FARES, Josebel Akel. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. **Revista Cocar**. Belém, vol. 7, n. 13, p. 82-90/jan-jul, 2013. Disponível em: < <http://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/download/244/211> >. Acesso em: 27 de jun. 2021.

MARIA, Luzia de. **Leitura e Colheita**: livros, leitura e formação de leitores. Petrópolis: Vozes, 2002.

MELLO, Thiago de. Canção para os fonemas da alegria. In: **Faz escuro, mas eu canto**. São Paulo: Global Editora, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al* (Orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PAES, José Paulo. Convite. In: **Poemas para brincar**. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela: o que é, hoje, um livro? In: MARTINS, Aracy Alves *et al* (org.). **Livros & Telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SILVA, Maurício & COUTO, Rita. Literatura: Como se lê, como se ensina... (Os mediadores de leitura e a promoção da leitura literária). In: LAURITI, Thiago & CHRISTAL, Wendel Cássio (Orgs.). **Literatura infantil e juvenil**: abordagens múltiplas. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

ZILBERMAN, Regina. A tela e o jogo: onde está o livro? In: MARTINS, Aracy Alves *et al* (org.). **Livros & Telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

## Sobre os autores:

**Rodrigo Joventino Rodrigues**

rodrigojoventino@gmail.com



Mestre em Ensino de Língua Portuguesa e Suas Respectivas Literaturas (PPGELL/UEPA-2022). Especialista em Saberes, Linguagens e Práticas Educacionais na Amazônia (IFPA-2019). Licenciado Pleno em Letras - Língua Portuguesa (UEPA-2016).

**Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos**

renildabastos@hotmail.com

Doutora em Ciências Sociais - área de Antropologia (UFPA-2010). Mestra em Teoria Literária (UFPA-1999). Especialista em Literatura Infanto Juvenil (PUC/MG-1992). Graduada em Letras e Artes (UFPA-1989). É professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Pará - UEPA.

